



PESQUISA E SEMINÁRIOS: FERRAMENTA METODOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PESQUISADOR

Mara dos Santos Neves

Inês Bueno Krahe

RESUMO:

O presente trabalho está ancorado no Observatório em Educação da Universidade de Caxias do Sul, na linha Formação de Professores da Educação Básica e tem por objeto de pesquisa a questão: **de que modo o curso de pedagogia na modalidade EAD faz do estranhamento um parceiro de caminhada docente?** Nossa proposta de pesquisa e seminários desde o início do curso de Pedagogia na modalidade EAD, atende a necessidade de formar pedagogos pesquisadores, fazendo experimentações pedagógicas desde a entrada do acadêmico no curso onde a pesquisa tem a intencionalidade de provocar os acadêmicos e professores para a escrita e para o pensar sobre o choque do confronto da prática docente com o cheque teórico no viver na fronteira do teórico-prático. E essa produção de novos conhecimentos busca romper com a estrutura linear e representacional para avançar ao não representacional e estético. Assim, entendemos que a fragilização da prática docente está no conforto da linearidade e ao colocar o acadêmico em contato com a não linearidade, dá a ele a possibilidade de ser pesquisador do não pesquisado. Em contato com o inédito, com o não pesquisado, o acadêmico passa a ter uma outra relação como estranhamento que acontece quando ele passa a frequentar o ambiente escolar, ou seja, de parceiro de caminhada.

PALAVRAS-CHAVE: cultura identitária, estranhamento, formação docente, modalidade EAD

Adentrando ao campo da pesquisa

Esta pesquisa está ancorada no Observatório em Educação da UCS, na linha de pesquisa *Formação de Professores da Educação Básica*. No ano de 2011- 4, o Centro de Filosofia e Educação – CEFE reedita o Curso de Pedagogia em EAD. Por isto nós pesquisadoras retomamos neste trabalho as observações que nos inquietaram no decorrer do curso nas edições anteriores e no nosso fazer presencial também.

Como organizar um currículo que possa orientar o futuro professor para uma sala de aula cada vez mais diversa? Responder a essa pergunta, não é nada fácil. Estamos vivendo em tempos fronteiriços entre a modernidade e a pós modernidade, mas a formação de professores está baseada nos princípios da modernidade, representando apenas uma pequena fatia do conhecimento disponível e sistematizado pela humanidade.

É uma constatação de que a escola ainda se apresenta com princípios de sec. XIX, a

formação de professores busca estar de acordo com os princípios do sec. XX e nossos alunos são frutos da pós- modernidade ou ainda, do sec. XXI na fluidez do conhecimento e no viver em rede. São 300 anos de história convivendo em um único espaço tentando dialogar. Dizemos “tentando dialogar”, porque percebemos as grandes dificuldades que a escola vem enfrentando bravamente. Além disto, percebe-se o grande número de desistência de candidatos aprovados e chamados para assumirem suas vagas nos concursos públicos de todas as áreas nas licenciaturas. O que acontece no campo de trabalho que provocam essas desistências?

Desta forma procuramos agregar alguns elementos que nos inquietaram no viver a docência nas modalidades envolvidas, presencial e EAD. Estas provieram de dificuldades percebidas nos acadêmicos e nos egressos como: dificuldade de autoria de pensamento na produção de escrita, de realizar a transposição didática do aprendido na academia, da simetria invertida para a situação pedagógica encontrada, como da dificuldade de fazer uso do aporte teórico frente ao estranhamento com esta realidade escolar.

Em decorrência disto, a grande questão que fica para nós pesquisadoras é “**de que modo o Curso de Pedagogia na modalidade EAD faz do estranhamento um parceiro de caminhada docente?**”

Acreditamos que esse problema venha da fragilidade da prática docente inicial que ainda busca um conforto na linearidade, pois podem estar percebendo a realidade de forma fixa, estável, organizada, isto por parte de alguns acadêmicos docentes e discentes. E para isto, nossas hipóteses são de que colocando o discente e o acadêmico docente em contanto sensível com a não linearidade e deixar-se por ela afetar-se, daremos a possibilidade de enxergar singularidades da realidade não idealizada e com ela vir a ser pesquisador do não pesquisado, do inédito percebido, possibilitando ao acadêmico ter uma outra relação com o estranho, ou seja, este poderá tê-lo como um parceiro de caminhada.

Cultura: ferramenta de normalização

Para isso é preciso adentrar a cultura daqueles com os quais vamos interagir em nosso fazer docente. Mas o que é cultura? A palavra cultura tem sua origem no latim com “o significado de ato de cultivar o solo” (SANTAELLA, 2003, p.29), que vai ao longo da história estabelecendo outras analogias com o desenvolvimento da vida, ou seja, nasce, cresce, prolifera-se. Mas, para isto leva em consideração quatro princípios básicos que são: expandir-se como gás que com sua fluidez ocupa assim todo o espaço disponível; por esta

característica fluída se adapta e ocupa o espaço encontrado; se desenvolve continuamente de modo cada vez mais complexo; e quanto maior sua complexidade na sua organização, mais rapidamente a vida cultural cresce tecendo novos encontros. Existem numerosas definições de cultura, embora seja de consenso “que a cultura é aprendida, que ela permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é gradativamente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais” (op. cit., p.30). Portanto, exige daqueles que integram este grupo cultural que compreenda as representações culturais ali vigentes.

Para ampliarmos nossa compreensão de como construímos as representações culturais e identitárias trazemos Woodward, 1997, in Stuart Hall, 2009, quando nos diz que a cultura é e se compõe pelos significados compartilhados que têm por base as linguagens. Estas são o meio, o veículo por nós utilizados para darmos sentidos às coisas; porque na relação dialogada ou mediatizada produzimos significados na medida em que estabelecemos um intercâmbio entre a linguagem e o sentido simbólico que a ela damos. Isto é possível porque a linguagem produz significados, advém de um sistema de representação criado já existente no meio cultural. Portanto, o que haveria além de palavras ditas e midiáticas no cotidiano das pessoas? Há um mundo além daquele que conseguimos expressar pelas palavras e mídias que conhecemos? Utilizamos-nos de sinais e símbolos construídos, portanto estes são arbitrários e, se são arbitrários, são construídos para representar um mundo conceitual, das ideias e dos sentimentos desse grupo, logo, como é criada, é dada em um jogo de forças e, se aceita pela maioria, normalizada. Podemos, então, entender aqui cultura como os “valores compartilhados” de um grupo, de uma comunidade ou mesmo de uma sociedade dentro de uma relação de poder-saber. Assim, segundo Corazza (2005, dentro do *pensar iluminista* que é dual, há o privilégio de uma ponta em detrimento da outra, logo, construímos o conceito no confronto, na ausência, na exclusão de ideias, de artefatos e de pessoas que causam estranhamento à normalidade estabelecida e generalizada. Assim, estamos sendo “estruturados”, organizados e regulados pelas práticas sociais discursivas identitárias, podendo vir a ser evidenciado no nosso modo de fazer cultura.

Por conseguinte, na busca da construção da identidade da figura docente estamos exercendo a “didática da inclusão”, isto é, reconhecemos a diferença como relativa diante da multiplicidade de identidades dos sujeitos culturais que fazem parte de uma produção multicultural, que se choca no confronto com a ideia do “...sujeito iluminista, centrado e imutável, que vê a sua essência sendo transformada continuamente na interação com as outras pessoas e com outras culturas nas quais está inserido” (MATOS, 2010, p.6) tendo como

veículo as políticas econômicas e as tecnologias – as redes sociais principalmente. Isto tudo se dá no movimento dialético e, por conseguinte, caímos novamente no jogo de forças do movimento binário, uma vez que se busca a identidade do sujeito excluído para se inserir na cultura normal, isto é, a reconhecida. E por onde anda agora a diferença? A sua singularidade? Vai ficando no caminho na medida em que se insere na cultura normótica.

E como dar espaço para novos pensamentos? Novos fazeres? Cremos que a pesquisa é esta possibilidade, pois ela pode ser empregada como ferramenta pedagógica no fazer docente quanto a sua formação, bem como do seu fazer prático – a docência em sala de aula.

Conhecendo um pouco da organização do curso

Foi pensando na relevância da pesquisa que se buscou no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia fazer aproximações entre os currículos dos cursos – EAD e presencial, disponibilizando o Plano de Execução Curricular em eixos temáticos, a fim de oportunizar aos envolvidos – discentes e docentes acadêmicos - se aproximarem desde o início de sua formação com a comunidade escolar.

Para que a formação docente do professor pesquisador possa ser viabilizada, nosso curso de Pedagogia EAD se preocupou em não prever momentos separados para o estudo dos conteúdos científicos e das respectivas didáticas e metodologias de acordo com a orientação ministerial. Estes estudos nos momentos de seminário têm a intencionalidade de oportunizar ao nosso acadêmico o aprofundamento científico quanto à transposição didática, a partir de abordagens teórico-metodológicas que têm como foco a prática pedagógica do professor, sua preocupação fundamental.

Da organização curricular constam os Seminários Temáticos e atividades práticas de ensino as quais são desenvolvidas pelos alunos como resultado de estudos, propostas pedagógicas e pesquisas desenvolvidas de acordo com o eixo temático em desenvolvimento no semestre, de modo a impulsionar os professores acadêmicos e os discentes à realização de um processo de reflexão sobre as questões ligadas às políticas educacionais do País e do Estado, ao projeto político-pedagógico da escola e às ações do cotidiano das práticas docentes.

As temáticas a serem escolhidas pelos acadêmicos para serem trabalhadas nestes momentos de Seminários estão relacionadas às políticas públicas, alfabetização, alfabetização de jovens e adultos, dificuldades de aprendizagem, educação de crianças portadoras de necessidades especiais, docência em classes multisseriadas, docência para crianças

provenientes de grupos étnicos e culturais minoritários e a temas específicos como evasão, repetência, drogadição, o perfil socioeconômico do aluno e suas implicações na prática escolar. Estas buscarão serem trabalhadas com os demais eixos transversais, especialmente à legislação, PCNs, Projeto Político da Escola, bem como ao planejamento, execução e avaliação do ensino e da aprendizagem nas diferentes áreas de conhecimento.

Porque conforme o Art. 6º da Resolução CNE/CP 1/2006 a qual dispõe que

a estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de: I - um **núcleo de estudos básicos** (...); II - um **núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos (...)**; III - um **núcleo de estudos integradores**.

e para atendermos a esses dispositivos da Resolução, foram previstos:

- no **Núcleo de Estudos Básicos**, as Unidades de Estudo incluídas nos módulos de Fundamentos da Educação, Fundamentos da Prática Pedagógica, Desenvolvimento Infantil, Princípios da Educação Infantil, Linguagens: Formas e Usos, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia, Educação de Jovens e Adultos e Gestão de Instituições Escolares;

- no **Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos**, os Estágios Supervisionados em Educação Infantil, em Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e na Gestão Escolar;

no **Núcleo de Estudos Integradores**, os Seminários de Integração Temático-Metodológicos, o Seminário Final de Integração e as Atividades Complementares.

Seminário e os momentos de estágio: transversalização do aprendizado nesta proposta

Diante disso sentimos a necessidade de revisitarmos as Diretrizes Nacionais dos Cursos de Pedagogia que mais uma vez apontam para a formação de um professor pesquisador. E, novamente, nos veio uma avalanche de questões: como solidificar isso em um currículo? Como criar nos alunos uma postura investigativa? Como ajudar nossos alunos a fazer do choque da realidade um aliado na caminhada profissional?

Responder a estas questões foi uma preocupação do grupo que se propôs a repensá-las, aliar conhecimento e prática durante toda a formação deste curso, com o intuito de amenizar esses confrontos pelos quais os alunos enfrentavam ao se deparar com uma realidade diferente da sua. Na sua maioria, descreditavam das teorias e conhecimentos trabalhados, ou não conseguiam fazer a simetria invertida e transposição didática por encontrarem dificuldade em

estabelecer relações do estudado com o encontrado na realidade.

Assim, ao ser constituído o currículo, pensou-se que desde o primeiro semestre o aluno pudesse ter contato com o contexto escolar e escrevesse sobre ele, buscando identificar suas inquietações, ou mesmo o inédito em suas observações na realidade encontrada. Aliado a isso, um rol de disciplinas foram cuidadosamente escolhidas para que dessem o suporte teórico para esses alunos, dentre elas constam o bloco dos fundamentos da educação o qual auxiliariam a fazer o foco no entorno da escola e na própria escola a fim de perceber a cultura que ali se encontra, a identificar as questões de pesquisa e/ou temas para o momento dos estudos integradores no seminário temático. Os eixos temáticos foram organizados para conhecer o entorno da escola, território escolar, espaços de aprendizagens, educação infantil, anos iniciais, ações gestoras e educação em espaços não-escolares.

Ao final de cada semestre, essas produções seriam apresentadas em um seminário integrador para socializar e qualificar o conhecimento até ali construído “como resultado de estudos, propostas pedagógicas e pesquisas desenvolvidas (...), impulsionando os estudantes à realização de um processo de reflexão sobre questões ligadas às políticas educacionais”. (PPP, p.17, 2011). Acreditamos que possa assim o choque com a realidade não mais provocar um cheque nos conhecimentos estudados, mas que isso possa dar maior segurança aos acadêmicos e criar neles uma postura investigativa, na qual a pesquisa passa a fazer parte do seu cotidiano escolar e formativo.

Conforme a atual proposta pedagógica do Curso de Pedagogia, na modalidade EAD, os Seminários além de desmistificar o fazer pesquisa, o ser pesquisador há de possibilitar aos acadêmicos fazerem escolhas de temáticas culturais que corresponda ao eixo temático estabelecido pelo grupo de professores envolvidos no semestre. Com isso cremos ser possível que os acadêmicos possam desenvolver atitudes científicas ao estudar a realidade a partir de abordagens teóricas que confere um caráter fundamental ao fazer docente; e no que se refere a sua prática docente, estes momentos dos seminários integradores não de possibilitar a construção de propostas de intervenção visando a aprendizagem de seu grupo de alunos ao organizar as competências para sua sala de aula na efetivação de uma pedagogia cultural.

Este curso encontra-se em processo de implantação desde o segundo semestre de 2011. O que já se sabe, é que o seminário integrador atingiu seu objetivo no que diz respeito ao aluno investigador, crítico e questionador da realidade observada. Aluno esse, que ao final do curso, nos estágios curriculares, bem como na sua vida profissional, irá sendo instrumentalizado para poder perceber o inédito, o ousado nos diferentes contextos escolares e fazer dele um grande parceiro de sua caminhada profissional.

Pesquisa: fazer prático e formativo

Desta forma a pesquisa aqui passa a ser entendida como uma ferramenta pedagógica presente desde o início do curso, como forma de provocar a escrita com autoria de pensamento, o pensar sobre o choque do confronto¹ com o cheque teórico no viver na fronteira teórico-prática. Assim, acreditamos que viver a pesquisa há de possibilitar a produção de novos conhecimentos que não de romper com a estrutura linear representacional para avançar ao não representacional e estético junto à escola. E este é o papel da Universidade, aproximar-se da comunidade social e escolar auxiliando na compreensão deste universo por meio do estudo investigativo.

E falar da representação e não representação envolve o pensamento midiático porque este nos marca de modo intenso e subliminar. Portanto será preciso refletirmos sobre a influência desta no ato educativo, uma vez que nossos alunos são nativos digitais e a tecnologia é – ou deveria ser - uma extensão das ferramentas escolares. Compreendemos então que o exercício da docência requer que o profissional da educação saiba produzir seus materiais e explorá-los pedagogicamente. E, por produção, entendemos produções pedagógicas textuais sobre temáticas culturais, bem como mediáticas.

Quando estudamos as diretrizes curriculares do Curso de Pedagogia encontramos no artigo 3º a preocupação que nosso acadêmico realize a pesquisa e a análise do campo escolar em que atua, aplicando os resultados destas investigações no seu fazer docente a fim de qualificar a docência e promover a cidadania. Conhecendo melhor seu campo de atuação poderá integrar-se no processo de gestão educativa junto à organização e funcionamento da instituição agindo de modo mais qualificado e denso junto à comunidade educativa.

Para virmos a formar professores pesquisadores, é preciso desenvolver a habilidade de olhar o meio empírico, isto é, o universo escolar com um olhar encharcado de “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996). Ou, ainda, como diz Carbonara (2004), fazermos uma investigação de modo a não nos contentarmos “com as respostas dadas” porque estas vão além da aparência e assim nos convida a buscar respostas em espaços onde a maioria das pessoas não crê existir respostas. Portanto, nossos cursos precisam aguçar o olhar de nossos acadêmicos para olhar o que os provoca, o que mexe com eles no exercício da docência ou no ambiente escolar, buscar respostas para estas inquietações. Um excelente recurso, é o diário

¹ “o choque do confronto com cheque teórico no viver na fronteira do teórico-prático” entendemos que seria o choque que o acadêmico tem ao se deparar com a realidade escolar; pois muitas vezes se paralisa frente ao desconhecido e não consegue fazer a transposição do aprendido em sua formação acadêmica

de campo, onde o docente acadêmico e o acadêmico registrem suas impressões, sentimentos, materiais diversos relacionados ao tema para num momento de leitura posterior, no distanciamento do vivido, possa encontrar sua questão de pesquisa. Uma vez descoberto o que o inquieta tem, agora, o que o motiva a pesquisar. E, a partir daqui, o professor poderá exercer seu papel de mediador do conhecimento auxiliando-o na organização da pesquisa, a manter o foco no seu problema, a escolher e definir seu percurso, a descobrir o que sabem sobre a temática e com quem mais ou com que fontes poderão vir a descobrir respostas ao seu questionamento de pesquisa.

Desde que viemos ao mundo estamos jogando o jogo do aprender, do sobreviver e do participar no ambiente social de nosso convívio. Assim como diz Moraes (2009, p.1), “Jogar este jogo é fazer perguntas e respondê-las, enfrentar desafios e resolvê-los, jogo de linguagem em que os próprios alunos precisam construir respostas, assumindo-se nesse processo sujeitos das transformações sociais dos contextos em que vivem, além de construírem conhecimentos de forma mais significativa.”

O significado é para aquele que aprende e, para ampliar seu conhecimento, é preciso fazer uso do “questionamento reconstrutivo” (DEMO,1998). Este questionamento tem um movimento dialético no desenvolvimento da pesquisa, pois inicia com o conhecimento empírico do aluno e, na medida em que ele vai entrando em contato com outras fontes de conhecimento vai, pondo em cheque sua empiria, seu olhar de senso comum e aqui o professor precisa desestabilizá-lo para que possa construir novos argumentos sobre a realidade, sobre sua questão de pesquisa. Neste momento da reconstrução o aluno vai se inserido no método de pesquisa, uma vez que inicia com a cópia do pensamento do outro, mas precisa construir seu pensar. É quando o professor o orienta da importância e relevância das fichas de leitura para seu trabalho, pois as fichas de leitura do lido, ouvido, visto de acordo com a fonte da pesquisa são registros de outros pontos de vista; compreender quem diz e de onde diz o enunciado é fundamental para que o acadêmico possa construir e dar autoria ao seu pensar. Tendo realizado as fichas de leitura, é chegada a hora de categorizá-las por ideias e escrever o que compreende desta categoria. Estas precisam ser organizadas a fim de dar coerência e tessitura ao texto produzido. Uma vez construído o texto com suas categorias organizadas, é chegada o momento do acadêmico socializar junto ao grupo de colegas.

Este momento da socialização é importante porque todo conhecimento científico produzido deve ser socializado, compartilhado e faz parte do momento de formação e competência da produção do saber. No decorrer da socialização, na apresentação, o ouvinte tem um papel de mediador do conhecimento até ali produzido; e quando pergunta ao colega

sobre sua apresentação, o faz porque enxerga as lacunas prováveis no conhecimento produzido pelo companheiro de aprendizagem, ou mesmo porque sua curiosidade epistemológica foi aguçada com o trabalho. Suas questões ao desequilibrarem o apresentador possibilitarão que o aluno retome seu trabalho e qualifique sua argumentação. E, assim, vai se consolidando o círculo dialético na construção do conhecimento e tornando possível o viver na fronteira teórico-prático na relação entre o “choque do confronto com o cheque teórico” em possibilidades de se viver momentos inéditos no fazer educativo para todos os atores nele envolvidos.

Em nossos cursos estes momentos estão expressos pelos seminários integradores, pois os professores do eixo temático buscam organizar um tema que possa ser transversalizado pelos estudos nele realizados e também inserir os conhecimentos anteriores construídos até este momento de formação.

Pesquisa: tecendo aproximações com as linguagens midiáticas

Hoje, nossas salas de aula presenciais já comportam um alto percentual de graduandos que trazem seus netbooks, notebooks e outros recursos tecnológicos. Alguns docentes da formação de professores não consideram estes como ferramentas pedagógicas e por isso se sentem desrespeitados, ou pouco à vontade quando os alunos fazem uso. Outros já fazem acordo como este deve e pode ser utilizado em suas aulas e assim vão inserindo esta nova ferramenta no seu fazer docente. Enquanto que na EAD os acadêmicos são convocados a se aproximarem das tecnologias com um olhar pedagógico, uma vez que vivenciam espaços virtuais conhecidos nas redes sociais como: chats, webfólio, fóruns de discussão, agora o fazem mediatizados pela proposta do curso pedagogizando-os. Com essa familiarização, cremos que possam transpor para o seu fazer docente o uso pedagógico destas ferramentas aliadas as mídias cinéticas e estéticas.

Para nosso aluno a inserção desses como ferramentas parece-lhes óbvio uma vez que são nativos digitais (PRENSKY, 2012), isto é, nasceram na virtualidade, locomovem-se e pensam-na com muita naturalidade. Por isto, vão construindo sua forma de aprender mais plástica, fluída na medida em que vai sendo tecida a aprendizagem pelo pensamento associacionista enquanto completa o movimento de rede. E, como rede tem nódulos, os quais são os pontos de convergência, portanto o pensamento foge da linearidade de seus professores formadores, os quais aprenderam sob a força do pensamento dual, da causa e efeito na coersividade da ciência com seu método; e agora nossos discentes sabem da existência de

múltiplos olhares, dirigem-se aos sites de busca na rede virtual para conhecer outras fontes. Este é um de nossos espaços de ação docente – desequilibrá-los diante das informações encontradas para auxiliá-los no exercício da crítica, ter ciência que aquele que diz o faz de um lugar teórico, de modo que diante destas provocações poderão ampliar sua capacidade argumentativa. Acreditamos também ser preciso trabalharmos as questões da ética frente ao material disponibilizado na rede virtual, pois lhes parece que por estar aí disponibilizados há pouca ou quase nenhuma preocupação com o dar crédito no quesito da autoria. Por isto, trabalhar a questão da ética da/na produção intelectual para darmos crédito ao pensamento do outro construído.

Outro fato que talvez desestabilize o ambiente acadêmico de sala de aula é o fato das mudanças no *layout* (FAGUNDES, 2010) deste espaço, com os grupos naturais que se formam no entorno da ferramenta na busca das informações, enquanto o professor ministra sua aula. Isto mostra que antes a atenção tinha um foco e hoje ela tem múltiplos.

Creemos ser preciso ensiná-los a fazer foco em um ponto por vez para fazermos o olhar do mergulho vertical sobre o tema a ser estudado para, então, alargá-lo horizontalmente – o que sabem fazer muito bem por esta mobilidade na forma de pensar de seu tempo. Este movimento, decompor e compor o todo, é o exercício dialético quando oportuniza ampliar seu processo de aprendizagem com apropriação e argumento reconstrutivo no exercício do ir e vir.

Precisamos estar abertos também para o estranhamento e nos acostumarmos a tê-lo por parceiro de caminhada. Isto vai exigir de nós professores formadores e acadêmicos reconhecer que vivemos a descentração do sujeito. Portanto, buscar nossa unidade e essência é ir de encontro ao movimento cultural do tempo presente que clama a fluidez, a mobilidade, a fruição intelectual e estética, a experimentação enfim.

Este novo estar docente sintomatologiza os focos culturais nas relações de poder produzidas na sociedade, pinçando o que há de singular no que esta sendo visto, percebido como raridade e mesmo esquisitice porque estranhamos. E, se estranhamos, somos provocados em um primeiro momento a deixar de lado – porque foge a normalidade, no entanto por que não conseguimos fazer um olhar de curiosidade epistêmica frente ao que nos é estranho? Se fossemos crianças, muito provavelmente estaríamos temerosos sim, mas aos poucos iríamos nos aproximando, observando, refletindo sobre o estranho na busca do vir a conhecer o descoberto – o inédito.

Isso há de exigir de todos os atores envolvidos no processo de aprendizagem um novo movimento metodológico. Nós aqui poderemos chamar de caminhada cartográfica do fazer pedagógico, do que está por vir, do não visto ainda. Tracejar o percurso requer coragem no

andar, mas também há de possibilitar o prazer da caminhada única realizada para responder a sua questão pessoal de pesquisa frente ao seu estranhamento da realidade percebida.

Este caminhar cartográfico se dá muitas vezes no desejo de alargar as fronteiras, porque ao nos embrenharmos no território desconhecido nos convocamos a nos abrir ao estranho, ao novo e dar credibilidade, valor, aquilo que estranhamos. Para então nos deixarmos levar pela fluidez da vida, do novo devir resistindo a nos fundirmos com o idêntico, com o normalizado, pois isto estreita o mundo na medida em que nos deixamos cristalizar.

Diante do acima visto, perguntamos: e como andam nossas aulas? Que mudanças fizemos na sua organização quanto espaço geográfico e prática pedagógica? O quanto nós professores ministrantes somos pesquisadores de nossa prática na formação de professores? Fazemos uso de nossas produções como material didático?

Arrematando os pensamentos

Creemos que pela organização da proposta curricular da Pedagogia EAD havemos de possibilitar aos nossos acadêmicos uma postura investigativa que tenha em vista suas experimentações no campo de atuação docente desde o início do curso.

Por isto, privilegiamos a pesquisa como ferramenta formativa e provocativa do desenvolvimento e aprimoramento do pensar e do fazer pedagógico. Isto porque esta ferramenta possibilita o exercício da dialética na organização metodológica da pesquisa, no fazer e organizar as fichas de leitura, na construção do texto argumentativo do qual faz uso e vivencia o argumento reconstrutivo. Para, então, socializar sua produção acadêmica nos seminários integradores.

Neste processo, o professor tem o papel de mediar a desestabilização do pensamento empírico do aluno acadêmico, frente à linearidade representacional da cultura social e escolar ampliando assim para as possibilidades de novas leituras da realidade frente as temáticas observadas e inéditas do presenciado. Deste modo, o acadêmico vai se familiarizando com o ato investigativo e se aprimora no fazer docente, vivendo a “curiosidade epistemológica”.

Acreditamos que nossos acadêmicos ao pensar essas realidades não se imobilizarão mais diante do cheque teórico prático das realidades vivenciadas, fazendo deste diferente o seu parceiro de caminhada e que terá este muitas chances de estar permeando o seu fazer docente e prático de sala de aula.

O primeiro estranhamento se dá no viver a modalidade EAD que vai se estendendo à

autoria na produção textual e de recursos midiáticos para seu grupo de alunos. Para tanto, a organização curricular tem a necessidade de ampliar a exploração destes espaços estéticos pelos acadêmicos como forma de apropriação da cultura produzida pela humanidade e, deste modo, poder-se-á inseri-las no seu fazer docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARBONARA, Vanderei. Filosofia/Vanderlei Carbonara. **Fundamentos da Educação**; v.1. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004
- CORAZZA, Sandra Mara. **Nos tempos da educação in***Uma vida de professora*. Ijuí: Unijuí, 2005
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 3ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 1998
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica**, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, Resolução CNE 01, de 18 de fevereiro de 2002.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia**, Resolução CNE/CP 01, de 15 de maio de 2006.
- FAGUNDES, Léa. Palestra no V CINFE, na UCS. 2010
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra. 1996 (coleção leitura)
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual** in SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (org). 9ª edição. RJ, Petropolis: Vozes, 2009
- MATOS, Sônia R da L e MARUJU, Viviane C. P. S. “**A didática e a diferença**”. ANPED Sul, 2010.
- MORAES, Roque. Participando de jogos de aprendizagem: a sala de aula com pesquisa. Caxias do Sul, RS: NEPSO – Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, 2009. Palestra de Abertura.
- MORES, Andréia (Coordenadora do Colegiado do Curso de Pedagogia) **Projeto de Curso de Licenciatura em Pedagogia Educação a Distância**. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2011.
- PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, Vol. 9, nº5, October 2001.
http://depiraju.edunet.sp.gov.br/nucleotec/documentos/Texto_1_Nativos_Digitais_Imigrantes_Digitais.pdf.
Acessado em: 12/03/2012
- SANTAELLA, Lucia. “**Culturas e artes pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**”. SP: Paulus, 2003